

MORAL E RAZÃO

*“É preciso institucionalizar a solidariedade,
isto é, criar uma ética da solidariedade”.*

Hélio Pelegrino – Psiquiatra

O grande desafio humano, em todas as épocas, tem sido conter em níveis suportáveis as manifestações egoísticas que buscam obstaculizar o processo civilizador construído, penosamente, pela ação altruísta.

Os códigos morais de todas as culturas buscaram na autoridade divina respaldo para a imposição de modelos comportamentais que, controlando os impulsos egocêntricos, tornassem possível a vida comunitária.

Se é verdade que esta pedagogia impositiva e paternalista foi eficiente para nos arrancar da barbárie e construir a civilização que conhecemos, mostra-se crescentemente ineficaz nos dias atuais.

Diante do enfraquecimento da moral de fundamento religioso, já que a determinação divina é cada vez menos respeitada pela humanidade, histórica e mitologicamente desobediente, buscamos agora uma moral de base racional produto de um conhecimento mais amplo da vida e de seu significado.

Seria o Espiritismo uma resposta inteligente e oportuna a esta busca? Vários elementos que estruturam o pensamento espírita sugerem que sim.

É verdade que não existe uma moral Espírita e sim uma postura moral que decorre naturalmente do conhecimento e da aceitação dos fundamentos essenciais do Espiritismo. A idéia da evolução e, sobretudo, o princípio da reencarnação a ela subordinado, que determina a troca de papéis nas diversas experiências físicas, oferece substrato racional riquíssimo para a adoção consciente de um modelo comportamental fundamentado na tolerância racial e social, na solidariedade, enfim.

A percepção espírita de uma “lei de causa e efeito”, disciplinadora da evolução no plano físico e no plano moral, torna o homem responsável pelos seus atos e, também, arquiteto do seu destino. Esta visão marcadamente humanista foi também compartilhada pelo pai da Psicanálise, Sigmund Freud, a quem se atribui a afirmação de que “o homem realmente esclarecido é espontaneamente moral, sem precisar temer o castigo divino.”

Na medida em que dispusermos de robusta filosofia de vida e o espírito de exame sobrepujar, enfim, o espírito de aceitação, poderemos fazer no campo moral o mesmo tipo de seleção que já aprendemos a fazer no da alimentação. Pela experiência e pelo conhecimento racional das conseqüências em todos os níveis, descobriremos a conveniência humana do bem, criando assim condições para a institucionalização de uma ética natural capaz de substituir as sanções sobrenaturais, como sonhava Sócrates.

É interessante notar que estas reflexões, antes de nos afastarem da idéia de Deus, marcam uma significativa mudança na compreensão humana do mesmo, que, deixando de ser mero síndico a quem apelamos para solução de conflitos nas nossas relações condominiais, transforma-se no legislador que concebe as grandes leis da convivência para as quais não existe apelação.

Maurice Herbert Jones, ex-Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul; ex-Presidente do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre; ex-Assessor Especial da Presidência da CEPA.